



CASA CRUZ PAPELEIROS DESDE 1893 NO RIO DE JANEIRO

ROBERTO MATTOS DE MENDONÇA

Robertomattos15@yahoo.com.br

O Rio de Janeiro, no final do século XIX, apesar de manter peculiaridades que marcavam sensivelmente uma paisagem de contornos coloniais, possuía na área central da cidade um expressivo e intenso centro comercial, tendo a rua do Ouvidor como termômetro econômico. Ali as mais renomadas lojas se instalavam, como a Notre Dame de Paris, considerada a “catedral da moda”, a Casa Raunier, que vestia a elite do Império, perfumarias, livrarias, além de um variado comércio que atendia a Casa Imperial e, posteriormente ao Palácio do Catete.

Sendo uma artéria de grande importância, a rua do Ouvidor mantinha um raio de influência em seus arredores que contagiava outros comerciantes a se estabelecerem próximos a ela, vendendo artigos pertinentes à necessidade da clientela que a freqüentava.

Permeada por uma atmosfera de progresso e transformações econômico-sociais que caracterizaram a cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX, temos, especificamente, no ano de mil oitocentos e noventa e três o surgimento de um modesto empreendimento que, a partir do olhar do visionário do seu idealizador, o Sr. José Rodrigues da Cruz, resultou na formação e, com o passar dos anos, na consolidação de uma das mais importantes lojas especializadas em papelaria do Rio de Janeiro, a Casa Cruz.

Ao se remontar a fragmentos que formaram a memória da Casa Cruz, é relevante destacar inicialmente a figura de dois personagens que se tornam o ponto de partida para o melhor entendimento da trajetória de sucesso que esse empreendimento obteve ao longo dos anos.

Reportamo-nos ao ano de 1870, quando os Srs. Joaquim Cruz e seu filho José Rodrigues da Cruz fundaram um estabelecimento na travessa Teófilo Otoni, voltado para o comércio de vidros, que tinha como intenção de prover a indústria de construção naval que estava em franco desenvolvimento na região do Rio de Janeiro.

Algum tempo depois, a sociedade era desfeita e José Rodrigues da Cruz, na tentativa de permanecer no mesmo ramo de trabalho, formou uma outra sociedade com o Sr. José Rodrigues Tavares e estabeleceram à travessa São Francisco de Paula,4, hoje nº 20, a loja José Rodrigues da Cruz, que tinha também como atividade principal a venda de vidros. Apesar da semelhança com a antiga sociedade que formou com seu pai, sua proposta parecia mais arrojada.

Esta nova etapa é marcada por um olhar empreendedor, que não mais focava as indústrias navais como principal cliente. O crescimento urbano pelo qual a cidade vinha passando foi, na realidade, um forte indicador para auxiliar e definição do novo mercado que a loja pretendia atender, uma vez que a construção de prédios e residências crescia de forma acelerada e abria-se, portanto, um grande negócio para atender esse nicho.

Diante desse favorável quadro apresentado, os sócios resolveram investir de forma agressiva na venda de vidros para atender a indústria de construção civil, o que se desdobrou na comercialização de outros produtos, diversificando e ampliando ainda mais as possibilidades de crescimento efetivo do empreendimento.

Apesar de todas as mudanças ocorridas a sociedade não se consolidou devido à saída do Sr. José Rodrigues Tavares. Porém, em 1894, é admitido o Sr. Joaquim Teixeira de Carvalho, de “temperamento dinâmico”, que sugeriu a ampliação do mix de produtos acrescentando quadros e fogos de artifício e artigos de carnaval. Essa diversificação nos negócios levou a empresa a um destaque comercial na cidade, que proporcionou uma mudança no nome de “Casa do Cruz” para “Casa Cruz”.

Mesmo tendo havido um aumento no número de produtos à venda, o movimento comercial da casa, embora lento, processava-se ascendente, o que animou os seus proprietários a darem amplitude maior às suas transações comerciais. Desde modo, resolveram adicionar artigos de papelaria, escritório e natal, isso por sugestão do Sr. Antônio Santos Carneiro, admitido como sócio em 1907.

Com o objetivo de melhorar o seu estado de saúde, que se encontrava debilitado, viajou para Portugal no início de 1910 o Sr. José Rodrigues da Cruz, vindo a falecer em 4 de setembro do mesmo ano, ficando na gerência da empresa o Sr. Antônio dos Santos Carneiro, sócio comanditário.

Devido ao crescimento alcançado na década anterior, proporcionado por um maior movimento nos negócios, inclusive importação de cromos para folhinhas, ocorreu na segunda década do século XX a segunda expansão da empresa. Na primeira em 1899, ligou-se internamente ao prédio da rua Sete de Setembro, 106 (atual 134). Adquiriu por contrato de aluguel o edifício nº26 da mesma Travessa, para onde foram transferidas as seções de vidros, quadros e artigos religiosos. Neste mesmo período, devido a maior necessidade de comunicação, foi inaugurado o endereço telegráfico.

Em 7 de março de 1927, ocorreu a morte do Sr. Joaquim Teixeira de Carvalho, sócio comanditário, e, a partir desta data, a empresa passou a ser gerida pelo Sr. Amadeu Pereira de Albuquerque, que iniciou uma nova administração e, pelas suas mãos, a Casa Cruz, experimentou uma longa e dinâmica fase de progresso e desenvolvimento.

No início de sua gestão, foi construído o atual edifício sede da empresa e alugado um grande depósito na rua Senador Pompeu, 23 apesar de grande crise econômica que assolava o mundo, demonstrando confiança em seus colaboradores. Desta forma, assumiu liderança de uma clientela formada por nossa elite social, transportando mercadorias por todo o território nacional, através de viajantes que percorriam o país para a distribuição de seus artigos, assim como a manutenção de representantes nas capitais e interior do país.

Antes do início da Segunda Guerra Mundial, numerosos itens procediam do exterior: vidros da Bélgica, papéis da Suécia, papelão da Holanda, papéis especiais para gravura e desenho importados do Japão e da Itália, além de requintados papéis perfumados da França e objetos de escritório da Inglaterra e EUA. Com a eclosão do conflito mundial o processo de importação teve que se restringir ao mínimo, mas, apesar disso, dois navios alemães lograram furar o bloqueio estabelecido pela marinha inglesa no oceano Atlântico, trazendo centenas de caixas de vidros especiais. Porém com a declaração de guerra ao Eixo pelo Brasil, perdemos cargas transportadas para o Norte do País em navios que foram torpedeados por submarinos alemães, além de vidas.

Atualmente, a empresa é administrada por um grupo remanescente de 1937, ocasião em que se estabeleceu uma sociedade por cotas para a sua gerência e administração onde todos os membros são antigos funcionários e, através do trabalho em conjunto hoje opera com seis filiais físicas: Madureira, Campo Grande, Niterói, Copacabana, Nova Iguaçu, Tijuca e uma loja virtual em contato com todo o mundo.

São dignas de registro a linha de conduta que é mantida pela Casa Cruz em relação aos materiais adquiridos e as lutas que enfrenta em favor de seus clientes, com criterioso cuidado de fazê-lo chegar às suas mãos daqueles que deles realmente farão uso.

Para festejar os seus 108 anos de existência, em 6 de dezembro de 2001, foi realizado com o patrocínio da Casa Cruz o I PRÊMIO DE PINTURA “Paisagens do Rio de Janeiro” e o I CONCURSO DE CRÔNICAS “Rio de Janeiro: uma Crônica a cada Dia”.

Para ambos os concursos foi organizada uma comissão julgadora, composta por Nilton Mendonça e Eduardo Camões (artistas plásticos); João Carlos Lopes dos Santos (Marchand e consultor de mercado de arte) para julgarem pinturas; Ricardo Gouveia, Francelino José e Juliana Sá (jornalistas), Rose Germano (atriz) e Cristina Botelho de Lima (professora) avaliaram cinquenta e cinco crônicas, sendo que deste total foram selecionadas dezesseis e uma única vencedora, escrita por Jorge Luiz Moreira Sant’Anna intitulada “Rio, Crônica do Sempre. Uma Crônica a cada Dia.

Os quadros apreciados, em número de cento e cinquenta e três, foram classificados em três categorias: dez vencedores, trinta e seis selecionados e cento e sete participantes. A grande vencedora foi Sandra Maria Nunes dos Santos, com uma pintura à óleo retratando o prédio da Biblioteca Nacional.

As obras vencedoras e selecionadas ficaram expostas na estação do Metrô Carioca entre os dias 17 e 21 de dezembro de 2001, recebendo elogios e críticas.

Os concursos organizados tiveram como objetivo fazer uma reflexão sobre a vida na cidade onde vivemos e mostrá-la aos habitantes que por ventura não conheciam partes dela e também a confecção de capas de cadernos para o volta às aulas de 2003, com as imagens das obras vencedoras no concurso de pinturas.

Manter a tradição de bem servir e ter sempre o que o cliente necessita são bases que possibilitaram o nosso trabalho sério e vitorioso por mais de um século.